

Minha rua é viva: arte, política e direito à cidade¹

Luana Carine Melo Farias²

Beatriz Sales dos Santos Alves³

Paula Reis Melo⁴

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo

O curta-metragem “Minha rua é viva” é produto do pré-projeto “Arte, política e direito à cidade: Como movimentos sociais da comunidade do Coque enfrentam violações de direitos na Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)”. A obra retrata a força de movimentos culturais populares no território, localizado na cidade do Recife. Na voz de moradoras e moradores envolvidos com a cultura negra no bairro, a narrativa apresenta vivências do Maracatu Nação de Oxalá e do grupo de coco Raízes do Coque, entrelaçados à história de luta pelo direito à cidade e aterramento da comunidade. A produção é um Trabalho de Conclusão de Curso, do ano de 2024, produzido na disciplina de projetos experimentais (Jornalismo, UFPE).

Palavras-chave

Comunidade; cultura popular; política; direito à cidade; aterramento.

Relato de produção

O projeto audiovisual “Minha rua é viva” busca retratar a força da cultura como ferramenta política e de reivindicação pelo direito à cidade no bairro do Coque, na zona sul do Recife. Nossa ideia nasceu da percepção de que os movimentos socio-culturais, através dos coletivos artísticos organizados por moradoras e moradores, exercem um papel fundamental de incidência na busca por direitos que são historicamente violados na Zona Especial de Interesse Social (ZEIS).

Com uma abordagem visual imersiva e uma forte presença musical, o documentário perpassa a história dos personagens, narrando como o presente da comunidade é construído pelas lutas do passado. Utilizamos o formato documental

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém graduada (2024), do Curso de Jornalismo do Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: luana.cmfarias@ufpe.br

³ Recém graduada (2024), do Curso de Jornalismo do Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: beatriz.salves@ufpe.br

⁴ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: paula.reis@ufpe.br

também para destacar de maneira realista e aproximada questões sociais que atravessam as narrativas, como o racismo ambiental e religioso.

O formato documentário esteve nos nossos planos desde o início, uma vez que idealizamos registrar a realidade sob perspectiva dos próprios moradores e moradoras. Retratar as vivências culturais por meio de um documentário exige a consciência de que, apesar do seu potencial para entreter, conforme aponta Bill Nichols, renomado pesquisador no campo dos estudos cinematográficos, o projeto audiovisual documentário pode ser utilizado na promoção de reflexões sobre temas fortes de natureza social e reivindicatórias. Também seguimos com o objetivo inicial de abordar o modo observativo, e expositivo, sub-gêneros do documentário elencados por Nichols. A partir daí debatemos sobre a individualidade ou experiências dos entrevistados e retratamos as vivências. O modo expositivo considera a voz do coletivo em sua perspectiva social.

Ao registrar alguns dos reflexos das ações sociais, comunicacionais e culturais na comunidade, buscamos promover e desconstruir rótulos, construídos ao longo de décadas pela mídia hegemônica, que tenta reduzir o território a um discurso de violência.

Consideramos que a reivindicação pelo direito à cidade integra além do direito à moradia, o direito à informação, à comunicação (e, a partir dele, o protagonismo nas próprias narrativas e a desconstrução de estigmas), à educação e à cultura. Satou (2020) pontua que arte e política são duas esferas da sociedade, aproximadas constantemente por interconexões da produção artística com os movimentos políticos e sociais de certa época. A proximidade entre arte e política vem, entre diversas possibilidades, do desejo pela liberdade e justiça diante de algum cenário em que estes são colocados à prova (SATOU, 2020), assim como ocorre no Coque. Moradores estão assiduamente engajados no resgate de espaços, na defesa e promoção de direitos à cidade, à educação, ao acesso à cultura e na valorização da juventude artística local.

Partindo disso, inicialmente, planejamos dialogar com atores de diferentes expressões artísticas (visuais, audiovisuais, cênicas, literárias, entre outras), visando a diversidade de vozes e abrangência do tema. No entanto, ao longo das entrevistas

exploratórias, identificamos que a música popular pernambucana, de origem negra e indígena, era a expressão que se fazia mais presente nos relatos que mencionavam alguns dos movimentos da comunidade. Os três primeiros entrevistados indicaram e trouxeram como exemplo de ferramenta de resistência através da cultura, o trabalho de grupos ligados ao coco e ao maracatu. Nos três casos o Maracatu Nação de Oxalá esteve presente. Os relatos foram fundamentais para que compreendêssemos por quais rotas nos caberia caminhar.

Nosso intuito, desde o início, é documentar a efervescência cultural e a relação com a história de luta no território, retratando o envolvimento da juventude nesses processos. Mas, ao longo da construção do projeto, nos aproximamos também de um fazer cultural que presentifica a ancestralidade e o culto ao sagrado e os tem como parte da identidade da comunidade. Nesse momento, passamos a debater sobre direito à cidade também a partir de uma perspectiva do direito ao culto e à ancestralidade, como direito político e manutenção da identidade cultural.

Diante do processo de redirecionamento e maior assimilação da conexão com a ancestralidade, aliado ao entendimento da linguagem documental, com o intuito de garantir maior profundidade e proximidade aos relatos, focamos na atuação de dois grupos: o coco de roda Raízes do Coque e o Maracatu Nação de Oxalá. Este último, com 22 anos de história, tem o diferencial de ter sido passagem, ou ser parceiro, de uma parte considerável de nossos entrevistados. Dessa forma, observamos também a força da confluência entre os grupos e o sentido de coletividade em diferentes esferas no Coque.

Por esse motivo, a Nação é o fio condutor do curta-metragem que se desenrola entre relatos subjetivos e coletivos da relação dos entrevistados com a arte, com a comunidade e a ancestralidade. “Minha rua é viva” se desenrola nas vozes de Dandara Canuto, Nilla de Brazel, Marcelo Tompson e Lourdes Cristina que falam sobre aterramento e ancestralidade na comunidade, história do Maracatu Nação de Oxalá e do coco Raízes do Coque, preconceito e racismo religioso, construção de consciência política e alguns dos processos de reivindicação por moradia no bairro. Moradores mais antigos, Dandara e Nilla iniciam as falas, que perpassam por todo o projeto e por diferentes assuntos abordados.

Reiteramos que o documentário engloba os temas de direito à cidade desde o anteprojeto ao desenvolvimento do projeto audiovisual. Durante as gravações do curta-metragem, reconhecemos a luta pelo direito à cidade em discursos semelhantes entre os entrevistados, que pontuaram a importância de promover para crianças e jovens o acesso, circulação e vivência a outros espaços da cidade, além do bairro que residem. O direito básico de ir e vir com dignidade, frequentemente negado à população periférica, é proporcionado quando os coletivos realizam apresentações em outros bairros do Recife, ou outras cidades.

O título do documentário, “Minha rua é viva”, é inspirado numa ação realizada em 2013, através do projeto “Narramundo”, pela Rede Coque Vive. A ação de protesto contra o despejo e a derrubada de casas na Rua Ibiporã, no Coque, consistia em utilizar stencils escritos “minha rua é” ou “minha rua quer” para a população grafar nas casas que seriam derrubadas e complementar a frase conforme sua própria avaliação. Em diálogo para pensar o título, a ideia de utilizar o exemplo dos stencils como referência, partiu da nossa orientadora, Paula Reis. Em seguida, refletimos a respeito e a afirmação de que a rua é “viva” surgiu para nós dos seguintes princípios: o de ocupação, movimentação social e efervescência cultural nas ruas da comunidade; do acompanhamento dos ensaios do Maracatu Nação de Oxalá que circulam pelas ruas próximas à sede; e da menção à frase “a comunidade é viva”, afirmada pelo mestre do maracatu, Marcelo Tompson, que observou os sons externos durante a gravação de sua entrevista.

As gravações duraram cerca de dois meses e meio. Nossa ideia inicial era de que o projeto tivesse cerca de 20 minutos, mas assumindo o afunilamento e assimilando a dinâmica documental, respeitando também o ritmo das narrativas, o projeto finalizou com 17 minutos.

Metodologia

Para a produção do documentário, utilizamos uma metodologia que assegura uma abordagem sensível, incorporando elementos visuais e sonoros para potencializar a mensagem objeto do nosso tema. O projeto abrangeu várias etapas, desde a pesquisa

inicial até o audiovisual, com foco na inclusão da comunidade em todo o processo e celebrar as expressões artísticas que valorizam a diversidade em termos de corpos, idades e habilidades de cada entrevistado.

A pesquisa qualitativa foi crucial no processo de produção do documentário, permitindo uma compreensão mais profunda das histórias, contextos e perspectivas dos indivíduos envolvidos. Entre as principais fases para o desenvolvimento do projeto, destaca-se a Pesquisa e Planejamento, seguidas pela Pré-produção, Filmagens e Edição.

A primeira fase, Pesquisa e Planejamento, foi marcada por uma pesquisa aprofundada sobre a história e cultura local, primeiramente compreendendo os desafios enfrentados pela comunidade. Ainda nesta fase inicial, o foco estava na seleção cuidadosa do tema central do documentário. Isso envolveu um estudo mais abrangente para entender as nuances, desafios e oportunidades relacionadas ao objetivo do tema.

Na Pré-Produção, realizamos entrevistas prévias, de modo presencial ou remoto, com membros da comunidade para estabelecer conexão, confiança e compreender as narrativas-chave. Foi através dessas abordagens que identificamos personagens potenciais para integrar ao documentário. Nesse processo, adotamos alguns critérios para escolher as informações e fontes. A primeira foi a relevância da temática garantindo que as entrevistas contribuíssem para a compreensão autêntica do assunto. Em seguida, a representatividade comunitária, no qual buscamos diversidade de faces, identidades e conhecimentos que asseguraram a visibilidade das vozes para a comunidade.

Além disso, a autenticidade das histórias, pois priorizamos narrativas pessoais que refletissem a essência das experiências vividas na comunidade. Isso contribuiu para a construção de um roteiro genuíno.

A fase da Filmagem foi baseada nas entrevistas realizadas com os participantes oficiais do curta-metragem e a observação participante ativa em eventos e ensaios do Maracatu para compreender as dinâmicas in loco.

Exploramos o processo de entrevista com foco nas ideias de Cremilda Medina em “Entrevista: O Diálogo Possível” (2008), quando retrata a natureza dinâmica das entrevistas, nos encorajando, como entrevistadoras, a nos adaptarmos ao fluxo da conversa. Além disso, a ética envolvida na responsabilidade na condução das conversas.

O processo de Edição teve início com a seleção das imagens mais impactantes, seguido pela seleção das principais falas. A partir de então foi elaborado o primeiro esboço do roteiro, sendo ajustado conforme necessário para o funcionamento e exigências da narrativa. Incorporamos também imagens de arquivos pessoais, assim como recursos disponíveis na internet que enriqueceu visualmente o documentário, contextualizando o enredo de alguns personagens.

Dificuldades e Soluções

As gravações do projeto estavam agendadas com Nildo Ferreira, cinegrafista do Laboratório de Imagem e Som (LIS), da UFPE, para uma semana em dezembro e uma semana em fevereiro. A primeira entrevista e imagens de apoio foram gravadas por Nildo, dia 7 de dezembro de 2023, mas diante de imprevistos e ajustes não foi possível aproveitar todos os dias, tendo em vista que as agendas dos entrevistados chocaram com a agenda do cinegrafista.

Como alternativa, em um dos dias conseguimos utilizar o material de gravação disponibilizado para empréstimo pelo LIS e saímos a campo para gravação, após instruções prévias do cinegrafista, que neste dia estava agendado para outra atividade na universidade. Nesta data, no dia 2 de fevereiro, foi possível produzir duas entrevistas e imagens de apoio do aniversário do Maracatu Nação de Oxalá. Desse modo, três das quatro sonoras foram feitas com a câmera profissional, no entanto, uma das sonoras e boa parte das imagens de apoio do documentário foram realizadas por um aparelho celular. Isso porque, algumas delas foram produzidas no mês de janeiro, período de recesso em que não tínhamos acesso ao material do LIS.

Ao longo da produção do projeto audiovisual, o tempo foi um dos maiores desafios que travamos. Iniciamos as entrevistas exploratórias em novembro, mas com a proximidade do mês de dezembro, com férias e festividades de final de ano, algumas das pessoas que fizemos contato, visando uma entrevista, não puderam comparecer ou não deram retorno. Desse modo, enfrentamos a necessidade de ajustar nosso cronograma e sermos flexíveis diante das limitações de disponibilidade dos entrevistados.

Em um dos casos, para a narrativa de um dos grupos, este composto por familiares, nosso objetivo era trazer a voz de mais de um integrante. No dia em que marcamos a primeira gravação, no dia 7 de dezembro, com a representante, os outros componentes estavam impossibilitados de comparecer. Realizamos a gravação, que também já estava agendada com profissionais do LIS, e combinamos para gravar com os outros componentes num próximo momento de disponibilidade. No entanto, após a entrevista, a representante, que também era a principal ponte para o grupo, não respondeu mais às nossas tentativas de contato para gravação. Tentamos também contatar os outros integrantes diretamente, mas sem sucesso. Diante disso, recalculamos a rota e fizemos mudanças no planejamento do roteiro, que inicialmente tinha o intuito de contar a história do coletivo através de uma proximidade e enfoque nos familiares.

Também não tivemos retorno de dois dos grupos que tentamos contatar por redes sociais, e-mail e ligação. Em outro caso, ainda em dezembro, tivemos a confirmação de disponibilidade para gravar com um coletivo em fevereiro, numa das datas que tínhamos agendadas com o LIS, mas as tentativas posteriores de manter contato e marcar a gravação também não foram retornadas.

Durante a pausa para as festividades de final de ano e férias, aproveitamos esse período para revisar a nossa abordagem. Na busca por fontes que dialogassem com a temática e tivessem disponibilidade para gravação, conseguimos o contato com o Maracatu Nação de Oxalá, já mencionado anteriormente por outros entrevistados. O encontro com a Nação foi crucial para o aprofundamento da narrativa e desenvolvimento pleno do projeto. Nesse momento, encontramos também a rota, o ritmo e a poética do projeto, podendo acompanhar ensaios e apresentações da Nação.

Aprendizado Profissional

Por Beatriz Sales

Durante a produção do documentário na comunidade do Coque, pude aprofundar meu entendimento sobre a interseção entre arte e política. O objetivo principal era explorar como a arte se torna uma ferramenta política na comunidade.

Interagir com os membros da comunidade proporcionou uma perspectiva valiosa, habilidades de entrevista, sensibilidade nas abordagens e adaptabilidade na condução das conversas.

Enfrentamos perrengues logísticos e lidamos com um curto prazo de tempo, mas foram as situações inesperadas que me ensinaram a trabalhar em equipe de forma colaborativa e criativa. Foram ideias que surgiam em meio a *brainstorms*, e a troca constante de *insights* levava a soluções inovadoras.

No processo de edição aprimorei algumas habilidades técnicas, aprendendo a importância da narrativa visual na transmissão da mensagem. Tomei decisões conscientes das cenas e percebi o poder que elas tiveram na construção do enredo sob cada detalhe.

Resumindo, a produção do audiovisual atuou como um laboratório prático para a aplicação de habilidades e técnicas essenciais que aprendi ao longo do curso de jornalismo. Consolidou e me preparou para os futuros desafios e oportunidades no campo jornalístico.

Por Luana Farias

Ao longo da graduação tive muitas oportunidades de trabalhar e continuar aprimorando o que me move para perto do jornalismo: a escrita sensível, comprometida com a verdade, que mergulha e convida o leitor a mergulhar em narrativas diversas. Pensando nisso, acreditando na potência da arte como espaço sensível, busquei olhar para a arte e cultura em muitos dos processos de produção de matérias, reportagens, perfis jornalísticos, obras sonoras e audiovisuais, oportunidades encontradas nas cadeiras do curso e significativamente incentivadas pelas (os) docentes. Essas escolhas partiram do entendimento de que arte e cultura são direitos humanos de manutenção de identidade e memória de vidas. É o lugar sensível que tanto busco sempre que posso.

“Minha rua é viva” é a extensão e continuidade dessa trajetória. É a conclusão de uma graduação transpassada pela força do contato com o real. Este curta-metragem é a realização de um desejo plantado, nutrido e frutificado ao longo do curso. É a realização de um trabalho que acredita no mergulho, na criação de uma conexão respeitosa com o entrevistado e tudo o que o envolve.

Com a produção do documentário me encantei com outras formas de trabalhar de maneira imersiva e aproximada, transformando a escrita que tanto me cativa em um olhar sensível para o audiovisual. Durante o desenvolvimento do trabalho, assimilando o formato de filme documentário à nossa prática, pude amadurecer o olhar, compreender as rotas que surgem independente do nosso controle e aprender a me adaptar e mergulhar nas narrativas potentes que nem sempre estiveram no planejamento. Com “Minha rua é viva” pude refinar a escuta e manter os poros abertos para o que se mostra evidente e para o que está oculto, nas entrelinhas.

Que no mercado de trabalho seja possível dar continuidade ao que nasceu e amadureceu na graduação em Jornalismo. Que o compromisso com a verdade, com os direitos humanos, com o respeito às narrativas, siga presente nas próximas etapas.

Referências

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Atica, 2008. Acesso em: 04 mar. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus Editora, 2005.

SATOU, Danilo. **Arte e política no contexto brasileiro e no acervo do Centro Cultural São Paulo**. Centro Cultural de São Paulo, São Paulo, 6 de Março de 2020. Disponível em: <http://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/06/arte-e-politica-no-contexto-brasileiro-e-no-acervo-do-centro-cultural-sao-paulo/>